

## O BRINQUEDO TERAPÊUTICO E A CRIANÇA HOSPITALIZADA

Camila Stein<sup>1</sup>Tatiana da Silva Melo Malaquias<sup>2</sup>**Resumo**

Revisão bibliográfica, que teve por objetivo identificar na literatura a aplicabilidade do brinquedo terapêutico à criança hospitalizada. A pesquisa foi realizada nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BIREME) e GOOGLE ACADÊMICO e a amostra final constituiu-se de 13 artigos. A assistência à criança hospitalizada tem se modificado nas últimas décadas em decorrência das novas pesquisas. Sabe-se que o hospital é um ambiente estranho e junto com a hospitalização vem o medo do desconhecido. O brinquedo terapêutico é um importante instrumento para a equipe de enfermagem para o sucesso de uma assistência humanizada.

**Palavras-chaves:** Criança hospitalizada; Brinquedo; Enfermagem Pediátrica

## THERAPEUTIC TOY AND CHILD HOSPITALIZED

**ABSTRACT:** Literature review, which aimed to identify literature on the applicability of therapeutic toys for hospitalized children. The survey was conducted in the Virtual Library databases in Health (BIREME) and GOOGLE SCHOLAR and the final sample consisted of 13 articles. The care of hospitalized children has changed in recent decades as a result of new research. It is known that the hospital is a strange environment and along with hospitalization comes the fear of the unknown. The therapeutic play is an important tool for nursing staff to the success of humanized care.

**KEYWORDS:** Hospitalized child; toys; Pediatric Nursing

## INTRODUÇÃO

A assistência á saúde da criança passou por transformações no decorrer do tempo. Estas transformações estiveram sempre relacionadas com o conceito que a sociedade tinha em relação ao ser criança, passaram do conceito de “mini-adultos” para indivíduos únicos com necessidades específicas (COLLET; OLIVEIRA, 2002).

---

<sup>1</sup> Aluna do 5º ano do Cruso de Graduação em Enfermgem da Unicentro - PR

<sup>2</sup> Enfermeira. Docente do Departamento de Enfermagem da Unicentro -PR

Devido à maneira da sociedade em ver o “ser criança” nos séculos passados não existem registros sobre a saúde da criança, tampouco uma política de saúde para estes.

Collet e Oliveira (2002), em seu livro sobre enfermagem pediátrica relatam que nos séculos passados as crianças somente eram vistas como elemento familiar e por isso recebiam uma atenção genérica. A infância não era tematizada nem pela família, tampouco pelo estado. A reconstrução do núcleo família, por volta do séc. XIX trouxe uma nova mudança no “ver” da criança, os cuidados foram substituídos por uma assistência sistematizada voltadas para alimentação, surgindo assim uma nova organização de família objetivando a criação de crianças saudáveis, para tornarem-se fortes e produtivas. Ou seja, a concepção de criança modificou-se conforme a necessidade da sociedade, onde esta pretendia instaurar um país independente voltado para a produção e acúmulo de capital.

As mesmas autoras citadas acima referem que o marco inicial da assistência à criança se deu com o 1º hospital infantil em Londres construído no ano de 1802 e a partir de 1920 a prática médica individual e hospitalar se destacava em relação à saúde pública priorizando o tratamento de doenças, o que influenciou à prática de internação infantil e para isso, um cuidado sistematizado.

A assistência à criança hospitalizada tem se modificado nas últimas décadas em decorrência das pesquisas, a partir disso criou-se uma nova maneira de compreender o processo saúde-doença, mudando desta forma a visão do profissional em relação ao “ser criança”. No Brasil, com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é que se avançou na humanização da assistência da criança em 1990, garantindo à criança o direito à saúde e hospitalização com acompanhante. A evolução na assistência à criança foi desde a hospitalização, que vinha a romper o vínculo família-criança, até o alojamento conjunto colocando a família como parte integrante do cuidado à criança. (COLLET; OLIVEIRA, 2002).

Deste modo, este estudo teve por objetivo identificar na literatura a aplicabilidade do brinquedo terapêutico à criança hospitalizada

## METODOLOGIA

Revisão bibliográfica, no qual foram utilizadas as bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BIREME) e GOOGLE ACADÊMICO para pesquisa dos artigos. Foram utilizados os descritores criança hospitalizada, brinquedo, enfermagem pediátrica, com os seguintes critérios de inclusão: artigos em português, completos, publicados entre 2006 e 2015 que respondesse ao objetivo do presente estudo. A amostra final constituiu-se de 13 artigos, sendo 9 sobre os efeitos do BT para crianças hospitalizadas e 4 sobre a percepção dos enfermeiros acerca do tema.

### 1. CRIANÇA E A HOSPITALIZAÇÃO

O hospital é um ambiente de assistência especializada e os profissionais que trabalham neste local devem possuir um conhecimento específico.

Segundo Hockemberry e Wilson (2011) a doença e a hospitalização são as primeiras crises que a criança enfrenta. Nos primeiros anos de vida elas sofrem ainda mais com estas crises de doença e hospitalização, porque o estresse representa uma modificação no estado habitual de rotina e as crianças possuem um número limitado de fatores enfrentadores do estresse, sendo que os principais fatores a separação, perda de controle, lesão corporal e dor.

Para Collet e Oliveira (2002) a hospitalização da criança gera efeitos na família. Trazer para o espaço público, neste caso o hospital, situações antes vivenciadas em âmbito privado é uma realidade diferente e nova. O modo de ser de cada família é singular e o hospital é um local de experiências dolorosas que trazem medo e esperanças geradas pelas experiências de soluções.

Conforme Schmitz, Piccoli e Viera (2003) com o avanço do conhecimento científico houve uma mudança na compreensão das necessidades das crianças, estimulando profissionais de saúde a desenvolver métodos de assistência mais humanizada ao invés de resultar em trauma.

Schimitz, Picoli e Vieira (2003, p. 2) colocam ainda que as crianças, mesmo hospitalizadas necessitam da garantia de seu crescimento e desenvolvimento, bem como suas necessidades afetivo-emocionais. “O medo do desconhecido é extremamente cruel em qualquer idade e as reações são diferentes para cada fase do ciclo de vida.”

Segundo Cruz et. al. (2013) a hospitalização pode representar uma experiência positiva a partir do momento em que os profissionais através de ações conjuntas e individuais, possam dar continuidade ao crescimento e desenvolvimento favorecendo o processo de resiliência não se esquecendo de incluir sempre a família no processo de cuidar.

## 2.O BRINCAR NO HOSPITAL

A criança hospitalizada frequentemente esta inquieta e ansiosa, sofre com a doença e encontra-se em um ambiente novo e estranho em que ela não esta preparada para permanecer e ainda não tem ideia do real motivo de estar neste ambiente.

Para Collet e Oliveira (2002) permitir que a criança leve para o hospital o seu brinquedo preferido lhe proporciona meios para enfrentar esta situação desconhecida. Afirmam ainda, que a recreação pode ser um meio de enfrentar e avaliar o estresse causado, que aliado a outros fatores pode trazer transtornos de desenvolvimentos graves.

Kiche e Almeida (2009) nos mostram que o direito de brincar deve ser preservado mesmo quando no hospital, pois o brincar é a atividade mais importante na vida de uma criança. Através disso ela se comunica, torna-se criativa, expõe seus medos vontades e forma de ver o mundo. Outro aspecto relevante do brincar é favorecer a interação criança-adulto, ou seja, o adulto com o qual a criança brinca é a qual ela recorre quando necessita de algo estabelecendo assim um vínculo importante para a hospitalização.

Os estudos de Kiche e Almeida (2009), Sousa et. al. (2015) relatam que o brincar na visão dos acompanhantes e a presença de adultos nas atividades lúdicas hospitalares é de suma importância, pois ele representa o parceiro durante o jogo, contribui para a expressão da criança, administra conflitos e significa apoio e acolhimento em momentos de necessidade para procedimentos invasivos e dolorosos. Além do mais, possibilita a recuperação e promoção da saúde junto aos pais tendo o objetivo de assegurar um desenvolvimento prazeroso da criança, melhorar a relação pais-filhos e melhorar a assistência à família.

Deste modo, os autores acima citados concluem que, o acompanhante e seu entendimento sobre as atividades desempenhadas com as crianças no contexto da internação hospitalar, não pode ser desprezado, pelo contrário, saber qual a interpretação deles sobre o brincar nestes ambientes e quais as suas qualidades, nos dá uma base para o planejamento da assistência.

A assistência hospitalar deve considerar não apenas o cuidado à patologia. Os profissionais dispõem de vários recursos capazes de proporcionar uma humanização na assistência, como por exemplo, explicar à ela os motivos da hospitalização, prepará-las para procedimentos e utilizar o brincar como parte integrante na assistência hospitalar (Kiche e Almeida, 2009.)

Collet e Oliveira (2002) trazem a recreação como umas das atividades a serem desenvolvidas em unidades pediátricas bem como as atividades realizadas de acordo com a idade e limitações de cada criança. Como instrumento de recreação, estimulação, vínculo equipe-paciente, terapêutica, pode ser desenvolvida a técnica do brincar terapêutico. Onde esta técnica consiste em desenvolver brincadeiras utilizando materiais de o ambiente hospitalar em situações que simulem procedimentos vivenciados pelas crianças durante o tratamento.

Os estudos de Hockenberry e Wilson (2011) mostram que muitas instituições de saúde, que atendem a crianças, possuem uma área de recreação destinada a brincadeira, porém independente de recursos oferecidos pela instituição, a enfermeira pode incluir estas atividades como recurso para o desenvolvimento do cuidado, sendo utilizadas para ensinar, expressar ou atingir meta terapêutica. Sendo que, a brincadeira nem sempre demanda recursos altos ou muito tempo da enfermagem. Crianças hospitalizadas possuem níveis de energia menores das com saúde da mesma idade, muitas vezes a criança pode não parecer interessada com a atividade apesar de ela estar gostando da experiência, e devem sempre ser avaliadas e adaptadas para cada situação.

A Lei nº 11.104 de 21 de março de 2005, referente obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação, reforça a importância do brincar sobre a saúde, tornando obrigatória a instalação de brinquedotecas nos hospitais que ofereçam atendimento pediátrico.

### 3. TIPOS DE BRINQUEDO TERAPEUTICO

Segundo Hockenberry e Wilson (2011) a brincadeira é um dos aspectos mais importantes da vida de uma criança. Como a doença e a hospitalização constituem crises na vida de uma criança, e envolve um estresse intenso, a criança necessita expressar seus temores



e ansiedades como uma forma de lidar com esses estresses. A brincadeira é fundamental para o bem-estar mental, emocional e social da criança. Ao contrário das outras atividades, o brincar não para quando a criança esta hospitalizada, mas serve para diversas funções.

Ainda para estes autores, brincar, da à sensação de controle á criança, pois no hospital as decisões são tomadas pela criança e na brincadeira ela tem controle de escolha para elas. Mesmo quando a criança recusa-se a realizar alguma atividade, a enfermeira ofereceu a ela a oportunidade de tomada de decisão, talvez a única que ela teve naquele dia.

Na assistência a saúde infantil, o brincar deve ser utilizado tanto para recreação quanto para terapêutica. Para isto, destaca-se o Brinquedo terapêutico (BT).

Para Ribeiro, et. al. (2006) o BT nada mais é do que um brinquedo estruturado para que a criança alivie seus medos e ansiedades gerados pelas experiências fora do comum, proporcionadas pela hospitalização e deve ser utilizado sempre que ela tiver dificuldade para compreender e lidar com essas experiências. Com o objetivo de dar a enfermeira, maior compreensão das necessidades deste paciente e auxiliar no preparo destes, para procedimentos, assim como permite que as crianças descarreguem suas tensões.

O brinquedo terapêutico, não deve ser confundido com a ludoterapia, que consiste em uma técnica psicológica reservada para uso de terapeutas treinadas e qualificadas, como um método interpretativo em crianças com distúrbios emocionais. Já o brinquedo terapêutico é uma modalidade efetiva, indireta para ajudar as crianças a lidar com suas preocupações e medos, ajudando muitas vezes as enfermeiras a ganhar conhecimento das necessidades e sentimentos das crianças (HOCKENBERRY, WILSON, 2011)

O brinquedo terapêutico pode ser classificado em três tipos de acordo com Giacomello e Mello (2011);

- Dramatico ou catártico que permite a descarga emocional da criança. E para Almeida (2011), permite á criança dramatizar, com o brinquedo, situações difíceis de serem verbalizadas e expressar seus sentimentos. Para este tipo e brinquedo faz necessário o uso de bonecos representando a família e os profissionais de saúde, material hospitalar e brinquedos domésticos, ajudando assim a criança a se expressar.

- Instrucional que permite a explicação de procedimentos para a criança. Almeida (2011) completa que auxilia no preparo da criança para os procedimentos para que ela compreenda melhor estes eventos vistos como ameaçadores e clareia conceitos errados. Neste tipo de brinquedo são oferecidos os bonecos e materiais que serão utilizados ou foram utilizados em procedimentos a fim de que a criança enfrente melhor a realidade repetindo assim a técnica no boneco permitindo extravasar seus medos e ansiedades além de compreender melhor os procedimentos.

- Capacitador de funções fisiológicas permite que a criança seja capacitada para utilizar suas funções de acordo com sua condição biofísica. E Almeida (2011) nos mostra que o BT capacitador de funções fisiológicas permite a criança realizar exercícios, tratamentos ou dietas necessárias para sua saúde e bem estar e recomenda-se material específico para a finalidade.

#### 4. O ENFERMEIRO E O BRINQUEDO TERAPEUTICO

Segundo Almeida (2011) iniciou-se no Brasil na década de 60, com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ester Moraes, docente de enfermagem pediátrica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), o uso do brinquedo na assistência de enfermagem à criança, quando a partir daí, observou-se que em situações de traumas estas, eram menos traumáticas quando as crianças tinham oportunidades de repetir os procedimentos nos brinquedos ou conversar com eles sobre o mesmo. Em 1970 o enfermeiro pediátrico já deveria ter conhecimento sobre o uso do brinquedo e fazer parte do processo de enfermagem.

Malaquias et. al. (2014), em seu estudo com 16 profissionais de enfermagem de uma unidade pediátrica, nos mostra que os profissionais sabem da importância do brinquedo para o tratamento e recuperação da criança, porém, não possuem uma compreensão quanto ao mesmo e também não há um conhecimento coerente sobre a finalidade do BT como recurso terapêutico. Nos mostra ainda, que para alguns o brinquedo é somente uma forma de distração, restrito a recreação.

Francischinelli, Almeida e Fernandes (2011) nos mostra que a maioria dos enfermeiros entrevistados em seu estudo, teve contato com o tema Brinquedo Terapêutico em sua formação, porém, menos da metade teve contato com esta atividade. Traz ainda que a maioria dos sujeitos da pesquisa era favorável ao uso do Brinquedo Terapêutico na prática de enfermagem e ainda a maioria que utilizou a técnica não apresentou nenhuma dificuldade para desenvolvê-la e outra parte que relatou alguma dificuldade, a maioria foi falta de tempo a mais citada e a preocupação com as outras atividades a serem desenvolvidas na unidade.

Souza et. al. (2012) em seu estudo, com duas enfermeiras e três técnicas de enfermagem, em uma unidade pediátrica de um hospital de Minas Gerais, mostram um dado importante: mais da metade das instituições, não possuem uma carga horária específica para o ensino do BT e ainda faz um questionamento sobre se os alunos de graduação em Enfermagem fazem o uso deste instrumento na sua prática garantindo sua vivência e aplicação.

Souza et. al. (2012) referem em sua pesquisa que os sujeitos desta, já ouviram falar sobre o BT em graduação, porém nunca colocaram em prática. E conclui que, deve-se melhorar o preparo desses profissionais para o atendimento à criança, pois não se deve privá-la de seu direito que é brincar, embora existam muitas dificuldades para isto.

O COFEN dispõe na Resolução nº 295/2004 sobre a utilização da técnica do Brinquedo/Brinquedo Terapêutico pelo Enfermeiro na assistência à criança hospitalizada, dando competência legal ao enfermeiro para o uso do brinquedo terapêutico.

## CONCLUSÃO

O presente estudo possibilitou mostrar que o BT é um instrumento passível de ser aplicado em crianças hospitalizadas. Sendo que este deve ser utilizado em unidades pediátricas e fazer parte da rotina dos profissionais, pois este possibilita um tratamento de qualidade para os pequenos.

O BT possibilita a criança refletir sobre situações que vivencia durante o período em que está internada, bem como demonstrar seus sentimentos e aliviar estresse e medo do desconhecido. Também facilita o trabalho da equipe de enfermagem uma vez que melhora o vínculo e a comunicação com os pacientes. Também, os hospitais que oferecem assistência pediátrica,

devem incentivar o uso do instrumento e proporcionar meios para que isto ocorra como a capacitação da equipe e fornecimento de materiais.

Esperamos que esta revisão ajude profissionais de saúde e hospitais a proporcionar um atendimento humanizado e eficaz incorporando em suas técnicas o Brinquedo Terapêutico.

## REFERENCIAS

ALMEIDA, S. Q. O uso de brinquedo terapêutico por enfermeiros que trabalham em unidades de internação pediátrica em Cone Leste Paulista. 2011. 105f. *Dissertação (mestrado em enfermagem)* Centro de pós-graduação e pesquisa, universidade Guarulhos. 2011;

COLLET, N., OLIVEIRA, B.R.G., *Enfermagem pediátrica*. Goiânia; AB, 2002.

CRUZ, D.S.M., SILVA, E.C.L., SILVA, R.C., MEDEIROS, R.A.A., MONTEIRO, J.P.C., ARAUJO, A.S. Humanização da assistência de enfermagem-relato de caso sobre o uso do brinquedo terapêutico. *Ciência saúde nova esperança*. n. 11. v. 3. p. 47-53. 2013.

FRANCISCHINELLI, A.G.B., ALMEIDA, F.A., FERNANDES, D.M.S.O.F., Uso rotineiro do brinquedo terapêutico na assistência a crianças hospitalizadas: percepção de enfermeiros. *Acta Paulista de enfermagem*. n. 25. v. 1. p. 18-23. 2012.

GIACOMELLO, K.J., MELO, L.L. Do faz de conta á realidade: compreendendo o brincar de crianças institucionalizadas vitimas de violência por meio do brinquedo terapêutico. *Ciência e saúde coletiva*. n 16. v. 1. p. 1571-1580. 2011.

HOCKENBERRY, M.J., WILSON, D. *Fundamentos de enfermagem pediátrica*. Elsevier. 2011.

KICHE, M.T., ALMEIDA, F.A., Brinquedo terapêutico: estratégia de alívio da dor e tensão durante o curativo cirúrgico em crianças. *Acta Paulista de enfermagem*. n. 22. v. 2. p. 125-130. 2009;

MALAQUIAS, T. S. M.; BAENA, J. A.; CAMPOS, A. P. S.; MOREIRA, S. R. K.; BLADISSERA V. D. A.; HIGARASHI I. H. O uso do brinquedo durante a hospitalização infantil: saberes e práticas da equipe de enfermagem. *Revista Ciência Cuidado Saúd.*, n.13, v.1, p.97-103, 2014.

RIBEIRO, C.A., BORBA, R.I.H., MAIA, E.B.S., CARNEIRO, F. O brinquedo terapêutico na assistência a criança: o significado para os pais. *Sociedade dos enfermeiros pediatras*. v.6, n. 2, p.75-83. 2006;

SCHIMITZ, S.M., PICCOLI, M., VIEIRA, C.S. A criança hospitalizada, a cirurgia e o brinquedo terapêutico: uma reflexão para a enfermagem. *Ciência, cuidado e saúde*. n. 2. v. 1. p. 67-73. 2003.

SOUSA, L. C., VITTA, A., LIMA, J. M., VITTA, F. C. F., Brincar no contexto hospitalar na visão dos acompanhantes de crianças internadas. *Journal of Human Growth and Development*. n. 25. v. 1. p. 41-49. 2015.